ABEI Journal – The Brazilian Journal of Irish Studies, v. 27, n. 2, 2025, pp. 187-190.

OHLMEYER, Jane. *Fazendo Império: Irlanda, imperialismo e o início da era moderna/ Making Empire: Ireland, Imperialism and the Early Modern World*. Organização: Laura Izarra. Tradução: L. C. Fonseca; M. Bolfarine; D. M. Sales; A. Clarindo; G. Marchese; L. Cardeal; F. M. F. Araujo; E. G. Borges; V. A. C. Pacheco; S. Candian; M. C. Mendes; S. B. Jorge. São Paulo: Editora Unifesp, 2025. 360 p. ISBN 978-65-5632-201-8.

Fazendo Império: Irlanda, imperialismo e o início da era moderna, publicada originalmente em inglês no ano de 2023, pela Oxford University Press, é obra da historiadora Jane Ohlmeyer, professora do Trinity College Dublin. Nascida na Zâmbia, nos limites do antigo império britânico, e criada em Belfast durante os "Conflitos" na Irlanda do Norte, Ohlmeyer reuniu neste livro as reflexões apresentadas em suas renomadas *Ford Lectures*, proferidas pela Universidade de Oxford em 2021. A autora examina a Irlanda não como periferia, mas como elemento constitutivo do "Primeiro Império Inglês" (c. 1550–c. 1770), ressaltando que se tratava de um império essencialmente inglês, e não britânico. Como observa Ken MacMillan (apud Ohlmeyer), tratava-se de um império "baseado em princípios ideológicos", organizado como um "sistema amplamente consistente (embora, em regra, considerado não invasivo) de governança imperial" (p. xvii). Era, além disso, um império global orientado para a exploração econômica.

A versão em português brasileiro, organizada pela Professora Doutora Laura P.Z. de Izarra, da Universidade de São Paulo, é fruto de um trabalho de tradução coletiva orquestrado pela tradutora, e também Professora da Universidade de São Paulo, Doutora Luciana Carvalho Fonseca.

ISSN1518-0581 | eISSN2595-8127 | DOI 10.11606/sw96fk89
Copyright © Mariana Bolfarine 2025

O título original, *Making Empire*, vai além de um simples recurso de impacto: trata-se de uma alusão à peça *Making History* (*Fazendo História*), escrita em 1988 pelo dramaturgo norte-irlandês Brian Friel, no auge dos conflitos sectários. A peça, encenada pela companhia de teatro *Field Day*, da Irlanda do Norte, questiona narrativas essencialistas e o próprio estatuto da "verdade histórica". Em diálogo célebre, o personagem histórico, Hugh O'Neill, Conde de Tyrone, que ficou famoso por seu papel central na resistência contra a expansão do domínio inglês sobre a Irlanda, especialmente durante a chamada Guerra dos Nove Anos (1594–1603), afirma a seu confidente, Peter Lombard, Arcebispo de Armagh: "*Não acredito que um período da história – um espaço de tempo, em que minha vida, sua vida – contenha em si uma única interpretação 'verdadeira', à espera de ser descoberta. Mas acredito que ele possa abrigar múltiplas narrativas possíveis, e que essas narrativas são moldadas pelas necessidades, demandas e expectativas de diferentes pessoas e épocas."* (Friel, 1988, p. 15-16, tradução nossa).

Inspirada nesse espírito crítico, Ohlmeyer parte da premissa de que "os impérios moldaram a história do mundo nos últimos dois milênios por meio de estruturas políticas, práticas e culturas que operaram" (2024, p. xvii). Examina, assim, o império "em formação" (*in the making*), tratando a Irlanda não como periferia, mas como parte constitutiva desse processo durante o início da modernidade.

A obra é apresentada por meio do capítulo introdutório, "Fazendo Tradução", no qual os tradutores esclarecem alguns dos desafios encontrados durante o processo tradutório. Um deles é o termo *plantation*, "interpretado e/ou traduzido de acordo com o contexto, seja como 'plantação' de pessoas, ou colonos, ou como um sistema de dominação colonial a partir do confisco de extensas porções de terras" (p. xii). Outro exemplo é o termo *big house*, mantido em inglês em toda a obra para evitar sua associação equivocada ao conceito de casa-grande da história brasileira. No Brasil, a casa-grande era a morada do senhor de engenho e uma metáfora para a elite exploradora, marcando a linha racial estruturada pela escravização. Já no contexto irlandês, *big house* refere-se a edificações não apenas grandes, mas também luxuosas e, em certa medida fortificadas, situadas em áreas rurais. Pertenciam a proprietários de terra anglo-irlandeses – grupo social, político e cultural formado, em grande parte, pelos descendentes de colonizadores ingleses estabelecidos na Irlanda, especialmente durante as *plantations* – e cujas propriedades foram constituídas a partir do século XVI.

Fazendo Império busca responder a perguntas seminais: Como o império inglês operou na Irlanda nesse período? Como esse processo se transformou ao longo do tempo? O que significou para os irlandeses terem acesso a outros impérios europeus?

Para tanto, a autora organiza sua análise em uma "Introdução", em que demonstra que o império não é uma memória distante na Irlanda, e seis capítulos (1. Fazendo História, 2. Anglicização, 3. Assimilação, 4. Agentes do Império, 5. Laboratório, 6. Impérios na Irlanda). *Fazendo Império* é estruturada em quatro eixos: integração, agentes, laboratório colonial e impacto cotidiano. O primeiro explora a integração da Irlanda no sistema imperial inglês, fornecendo território e mão de obra para sua expansão; o segundo trata do papel dos irlandeses como agentes do império; o terceiro da Irlanda como "laboratório" para empreitada colonial inglesa; e o quarto, do impacto do império no cotidiano dos irlandeses na era moderna. Desse modo, a autora examina identidades a partir de configurações territoriais, linguísticas e religiosas, das alianças de classe, bem como das conexões estabelecidas entre diferentes impérios e os legados do imperialismo. Assim, apresenta ao público de língua portuguesa acesso a um estudo inovador e fundamental para compreender o império como processo e seu papel na conformação da modernidade. Destaca-se como a autora traz para a discussão os Depoimentos de 1641, testemunhos legais nos quais homens e mulheres protestantes, oriundos de diferentes classes sociais, relataram suas experiências após a eclosão da rebelião dos irlandeses católicos em outubro de 1641.[1]

Questões de identidade e terminologia permeiam toda a obra: o que significavam conceitos como *"irlandesidade"* e *"inglesidade"*? Como religião e língua influenciaram essas noções? Se, e de que forma, tais significados se transformaram ao longo do tempo?

Embora centrado na Irlanda, o estudo também evidencia conexões transimperiais, ou seja, como a ilha se relacionava com outras potências coloniais da época. Ademais, a obra nos faz refletir sobre a própria condição do passado colonial do Brasil em relação a Portugal e as suas consequências.

A tradução de *Making Empire* para o português, agora publicada como *Fazendo Império: Irlanda, imperialismo e o início da era moderna*, representa uma conquista significativa para pesquisadores e leitores interessados em compreender a lógica das políticas imperiais e seus legados.

Mariana Bolfarine

Notas

1 Documentos disponíveis por meio e um projeto de digitalização coordenado pela professora Jane Ohlmeyer no Trinity College Dublin: http://tcd.ie/history/research/1641.php

Referências

FONSECA, L.C.; BOLFARINE, M. ; SALES, D. M. ; CLARINDO, A. ; MARCHESE, G. ; CARDEAL, L. ; ARAUJO, F. M. F. ; BORGES, E. G. ; PACHECO, V. A. C. ; MENDES, M. C. ; JORGE, S. B. . *Fazendo Império: Irlanda, Imperialismo e o Início da Era Moderna*. São Paulo: Editora Unifesp, 2025.

FONSECA, L.C.; BOLFARINE, M. ; SALES, D. M. ; CLARINDO, A. ; MARCHESE, G. ; CARDEAL, L. ; ARAUJO, F. M. F. ; BORGES, E. G. ; PACHECO, V. A. C. ; CANDIAN, S. ; MENDES, M. C. ; JORGE, S. B. . Apresentação à tradução brasileira: Fazendo Tradução. *Fazendo Império: Irlanda, Imperialismo e o Início da Era Moderna* São Paulo: Editora Unifesp, 2025.

Friel, Brian. *Making History*. Faber & Faber, 1989.

OHLMEYER, Jane. A. *Making empire: Ireland, imperialism, and the early modern world*. By Jane Ohlmeyer. Oxford: Oxford University Press. 2023.